

Um invulgar ano turístico em retrospectiva



Um invulgar ano turístico em retrospectiva / Foto: Shutterstock

No início de 2020 , discutia-se na Alemanha se se deveria reduzir o corredor de férias no Verão. O sector do turismo ainda não tinha digerido a falência da Thomas Cook. Além do mais, o fenómeno da «vergonha de voar» ocupava muito espaço no debate público. Voar menos em prol da protecção do ambiente? Este era um tema muitas vezes acaloradamente discutido.

Em Janeiro, no universo das viagens ainda tudo corria sobre rodas.

No mês tradicionalmente mais abundante em reservas, a maioria dos alemães estava ocupada a escolher os destinos de férias, como sempre fazia. Havia no entanto relatos de uma «nova doença pulmonar na China», mas só muito poucos começavam a ter noção das suas consequências. Até que, de repente, tudo se precipitou. O coronavírus Sars-Cov-2 deu a volta ao mundo — e atirou o turismo mundial para a sua crise mais profunda.

Fevereiro: nuvens negras no horizonte

Operadores alemães, como a Tui, cancelam viagens para a China, mas em todo o caso quase ninguém aí faz férias no Inverno. Continua a parecer um problema sobretudo regional.

Já as imagens do *Diamond Princess* que surgem em meados de Março parecem causar mais preocupação. Depois de inúmeras infecções por coronavírus a bordo, as autoridades japonesas colocam o navio de cruzeiro de quarentena em Yokohama, havendo também alemães entre os passageiros. «Medo propriamente não tenho », retrata assim um reformado de Munique aquilo que sente. Uma formulação certa para descrever o ambiente que também reina na longínqua Alemanha.

Um navio aprisionado algures na Ásia, não é coisa que pareça ter alguma coisa que ver com os nossos planos de viagem. O vírus está lá longe — até que, pelo visto em pouquíssimos dias, entra por aqui adentro vindo do Norte de Itália.

São surreais as cenas que nos chegam para lá dos Alpes, num dos mais apreciados destinos turísticos dos alemães: freguesias cercadas, bares, restaurantes e lojas fechados, a praça de São Marcos, em Veneza, como que varrida de pessoas.

Com as imagens consternadoras impregna-se a sensação de que o vírus se tornou imparável. No fim do mês, é cancelada em Berlim a maior feira mundial de turismo, a ITB, poucos dias antes da data de início prevista.

Março: as viagens estancam abruptamente em todo o mundo

É o mês que muda o mundo: a pandemia toma conta do planeta. No período de cerca de duas semanas, a maioria dos países encerra as fronteiras, o tráfego aéreo é suspenso, os operadores cancelam todas as viagens, os alojamentos turísticos na Alemanha são proibidos e as ilhas turísticas são fechadas aos visitantes. O mundo em confinamento — e, subitamente, todos os planos de viagem pertencem à história.

Do México à Tailândia, há alemães sentados em quartos de hotel e fazem tudo para apanhar os últimos voos de regresso a casa. O governo alemão dá início à maior campanha de repatriamento da história. O Ministério dos Negócios Estrangeiros decreta restrições às viagens para todo o mundo até ao final de Abril. «É doloroso para muitos, mas é absolutamente necessário», constata o ministro dos Negócios Estrangeiros Heiko Maas (SPD). Com um apelo: «Fiquem em casa!».

Abril: recolhimento nas próprias quatro paredes

Na Primavera, perdemos os horizontes. Férias da Páscoa: canceladas. Maiorca, Creta e Antália: adiadas para data incerta. Já para não falar de outros continentes. Por estes dias, a viagem mais longa leva-nos na maioria das vezes até ao supermercado ao virar da esquina.

Ao mesmo tempo, entre muitos turistas, reina a indignação: as companhias aéreas e os operadores turísticos demoram o seu tempo a tratar dos reembolsos das viagens canceladas, impacientando os clientes. Por vezes, coloca-se a hipótese de os consumidores serem obrigados a aceitar vales em vez de receberem a devolução do dinheiro. A ideia não se impõe. Mas muitos esperam eras pelo seu dinheiro. O sector das viagens vê-se já então em plena crise existencial.

No final de Abril, os últimos alemães presos no estrangeiro são trazidos para casa, 157 passageiros chegam a Frankfurt, vindos da Cidade do Cabo. No total, o governo repatriou 240 000 viajantes. Poucos dias depois, as restrições às viagens para todo o mundo são prolongadas até meados de Junho. Esperanças angustiadas a pensar no Verão. Porque muitos, se pudessem, sairiam já de novo em viagem.

Mas este ano tudo poderá ser diferente. Fala-se, por exemplo, de um renascimento das caminhadas em terras nacionais. Estará a Alemanha viajante a recuar aos anos 1950, a uma época antes do turismo de massa e dos voos *charter* para o Mediterrâneo?

Maior: esperanças postas no Verão

No belo mês de Maio começa a brotar uma frágil esperança: as restrições do coronavírus são flexibilizadas por altura do Pentecostes, os primeiros turistas sentem novamente a atracção pelo mar do Norte. Mas sobre tudo isto paira ainda a pergunta: que vai ser do Verão, que vai ser de Maiorca?

No fim do mês chega então a feliz notícia: as restrições às viagens turísticas para 31 países europeus deverão ser levantadas em 15 de Junho, desde que a pandemia o permita. De repente, até parece que poderemos em breve ver o coronavírus pelas costas.

Junho e Julho: o vírus parece (quase) esquecido

Com alguma hesitação, também a Espanha reabre as fronteiras. Um ou outro aproveita a oportunidade de e embarca no avião para Palma ou outros destinos soalheiros à beira do Mediterrâneo. Os turistas sentem-se impelidos a viajar para a Grécia e a Croácia, França e Portugal. Também na abalada Itália algumas pessoas voltam a fazer férias.

É verdade que, de longe, nem toda a gente decide viajar, mas sempre são mais do que poderíamos ter pressuposto umas semanas antes. Muitos ficam no próprio país: entre Hiddensee e Oberstdorf fica tudo por vezes sobrelotado — a redescoberta do turismo na pátria.

O Verão, com as suas temperaturas amenas, encosta o vírus às cordas e permite de novo uma relativa liberdade para viajar. Mas não deixa de ser uma época turística condicionada por uma pandemia global que está apenas a fazer uma pausa de Verão: máscara obrigatória no avião, regras sanitárias nos hotéis, Maiorca sem Bierkönig.

Os fãs inveterados dos cruzeiros têm ainda de esperar pacientemente. No fim de Julho zarpam novamente os primeiros navios, inicialmente com viagens sem passeios em terra. A Tui Cruises dá-lhes o nome de «Viagens Azuis». Também tem de esperar o grande sonho das férias nos EUA, já que o país continua a não deixar entrar turistas estrangeiros. E continua a ser proibido viajar para mais de 160 países no mundo inteiro.

Quem viaja para o estrangeiro nos meses de Verão tira partido de uma janela temporal de relativa tranquilidade — janela esta que não tardaria a fechar-se outra vez.

Agosto e Setembro: lá vêm os embates

Que a pandemia simplesmente não foi superada, isso é algo que a maioria percebe claramente. Os especialistas alertam para a segunda vaga no Outono. E, devagarinho, começam a limitar-se de novo as opções dos turistas. Com a Espanha, vêm afectado precisamente o destino turístico mais apreciado: a partir de meados de Agosto, entram novamente em vigor as restrições às viagens para todo o país, com excepção das Canárias, por estar a subir muito o número de casos. Não é proibido viajar, mas serve conscientemente como dissuasor.

No fim de Agosto, as restrições às viagens são estendidas também aos países não europeus; poucos dias depois, no início de Setembro, passam a aplicar-se as restrições também às Canárias. Os números de casos de coronavírus aceleram também novamente nos restantes países europeus. Passa a ser obrigatório consultar a lista das zonas de risco. As sucessivas alterações às regras estragam a vontade de viajar.

Os turistas encaram já o Outono cheios de preocupação: terão sido as viagens de Verão apenas uma bela e breve excepção na sombria realidade da pandemia? Essa é uma certeza que depressa se instala.

Outubro e Novembro: por um cinzento Inverno adentro

Quando o Outono chega, quase toda a gente tem a certeza: a segunda vaga está em curso — e, com ela, vêm novas restrições. Até ao final de Outubro, grandes extensões da Europa tornam-se zonas de risco de coronavírus e não tardamos a questionar se haverá algum lugar para onde possamos viajar.

No início do mês, também dentro da Alemanha reina a confusão. Quem chegar de uma zona de risco, em muitos lugares terá de apresentar um teste negativo para o corona, o qual por sua vez custa dinheiro. Os

estados implementam regras por vezes diversas. Também não se sabe ao certo se os turistas que não apresentem teste receberão de volta o dinheiro da reserva cancelada. O caos chega pontualmente a tempo das férias de Outono.

Serve de fraco consolo quando, no final de Outubro, o governo levanta as restrições às viagens para as Canárias. E mesmo o facto de as restrições terem sido levantadas também para alguns países não europeus é pouco motivador para começar a fazer as malas.

Por fim, em Novembro, chega o confinamento parcial. Os hotéis têm de fechar novamente. A temporada de esqui está por um fio. Não é a vergonha de voar que impede as pessoas de viajar, mas sim a pandemia. Já quase ninguém pensa em férias. E o Inverno será longo.

Alguns turistas gostam então de recordar o Verão, a casa de férias na Dinamarca e os picos montanhosos de Allgäu, o *latte macchiato* junto ao lago Maggiore e as tapas em Espanha. Os tempos de inocência em que se debatia o corredor de férias. (dpa)

Artigo original: https://www.tageskarte.io/tourismus/detail/rueckblick-auf-ein-ungewoehnliches-reisejahr.html?utm_campaign=nl4107&utm_medium=email&utm_source=newsletter